

Assassinato de Ruth First

Causa em tribunal inglês ganha por dirigente do ANC

Todos se lembram certamente de que a professora Ruth First, conhecida intelectual e activista do ANC, foi assassinada em Maputo em 1982, quando uma carta-bomba enviada pelos serviços secretos sul-africanos deflagrou no seu gabinete.

Uma outra faceta da história é que o seu marido, Joe Slovo, conhecido membro do executivo do ANC ganhou recentemente uma causa num tribunal londrino contra um jornal sul-africano que o acusara de haver participado no assassinato de Ruth First.



Joe Slovo que ganhou uma causa por difamação contra o jornal «Star» de Joanesburgo

Quando num belo dia de Agosto de 1982, Ruth First se encontrava no seu escritório do Centro de Estudos Africanos da UEM, conversando com alguns colegas e abrindo a correspondência chegada, ninguém imaginaria que aquela seria uma manhã trágica.

De súbito, a explosão. A carta não o era. Uma bomba plástica no seu interior marcava o terrorismo à distância de que os serviços secretos sul-africanos se estavam a utilizar para eliminar os seus adversários anti-«apartheid».

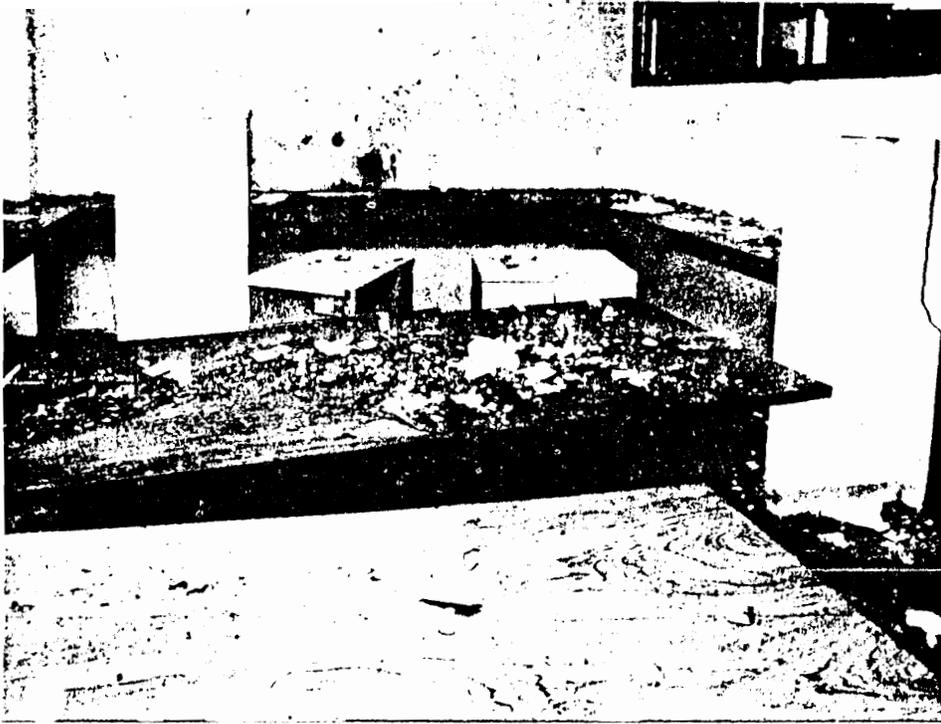
Ruth First morria, alguns dos intelectuais que com ela estavam no mesmo compartimento ficavam feridos. Não morria, contudo, o ideal que a animava desde há anos sem conta na luta contra o sistema injusto que combatia e ao qual dera a sua vida.

Posteriormente, em 1984, o jornal «Star» de Joanesburgo, muito pouco eticamente, acusava o seu marido, Joe Slovo, de envolvimento no assassinato de Ruth First.

Era uma imprensa pouco isenta a tentar extrapolar para fora o contexto terrorista do Estado sul-afri-

cano, a responsabilidade de atentado. Era o «Star» da «Argus Printing and Publishing Company of Johannesburg» a assumir como seu o assassinato dos serviços secretos sul-africanos.

Eu estava a tentar admitir a realidade do que aconteceu e este artigo abriu profundamente essas feridas novamente. E toneladas de sal foram lançadas nessas feridas, disse Slovo comentando o cinismo do «Star», que instado a retratar-se, reafirmou uma vez mais a história anteriormente publicada.



Aspecto do gabinete de Ruth First no Centro de Estudos Africanos da Universidade Eduardo Mondlane, após a explosão da carta-bomba que a viria a vitimar e a causar ferimentos em alguns colegas seus, moçambicanos e sul-africanos



No funeral de Ruth First, em Maputo, Slovo e filhas prestam as últimas homenagens à militante anti-apartheid

É porque Slovo não admitiu esta crueldade e porque não podia aceitar de forma alguma tais acusações que acrescentavam ainda que ele era um terrorista procurado e um coronel da KGB, colocou o jornal em tribunal exigindo uma indemnização por danos sofridos.

O julgamento efectuado em Londres e de que dois jornais britânicos fizeram eco («Daily Telegraph» e «Morning Star») saldou-se pela atribuição de uma indemnização de 25 000 libras esterlinas (1 libra = cerca de 58,00 MT). Resta, de facto, saber se



Ruth First, intelectual sul-africana assosinada em 1982 pelos serviços secretos sul-africanos

o jornal sul-africano faz intenções de pagar tal quantia.

É que, de acordo com Slovo, o «Star» sabe perfeitamente que o militante anti-«apartheid» não pode (por razões óbvias) comparecer perante um tribunal sul-africano para pleitear uma causa, estando, portanto, perfeitamente ciente da sua impunidade.

Para Joe Slovo e todos os militantes anti-«apartheid» em geral, o que conta acima de tudo é que a sua integridade e reputação foram consideradas inatacáveis, contrariamente aos propósitos cínicos do «Star».

Joe Slovo, de 59 anos de idade, deixou a África do Sul em 1963 quando o regime de Pretória tornou impraticável o exercício de leis em que é formado. Em Junho de 1985 tornou-se o primeiro militante branco do ANC a ser eleito para o seu Comité Central.

J. Salvador